



Governo do Estado do Rio Grande do Norte  
Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC  
**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN**  
*Campus Avançado de Pau dos Ferros- CAPF*  
Departamento de Letras estrangeiras – DLE

CLAUDIO ALEFF DE SOUSA LIRA

**OS ARQUÉTIPOS DA PERSONAGEM ALFRED EM “*THE BALLAD OF THE  
WHITE HORSE*”**

PAU DOS FERROS  
2023

CLAUDIO ALEFF DE SOUSA LIRA

**OS ARQUÉTIPOS DA PERSONAGEM ALFRED EM “THE BALLAD OF THE  
WHITE HORSE”**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Inglesa e Respectivas Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Evaldo Gondim Dos Santos

PAU DOS FERROS  
2023

De Sousa Lira, Claudio Aleff

Aluno. / Claudio Aleff De Sousa Lira. - Pau Dos Ferros, 2023.

40p.

Orientador(a): Prof. Dr. Evaldo Gondim dos Santos.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Chesterton. 2. Alfred. 3. Arquétipo. I. Gondim dos Santos, Evaldo. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

CLAUDIO ALEFF DE SOUSA LIRA

**OS ARQUÉTIPOS DA PERSONAGEM ALFRED EM “THE BALLAD OF THE  
WHITE HORSE”**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Inglesa e Respectivas Literaturas.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Banca examinadora**

---

Prof. Dr. Evaldo Gondim dos Santos (Orientador)  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

---

Prof. Dr. Francisco Edson Gonçalves Leite  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

---

Prof. Dr. Michel de Lucena Costa  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

*Dedico esta monografia aos meus pais, Claudemir e Cledilma; à minha irmã, Annalyne; à minha namorada, Lays; e ao meu filho, Arthur.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, Nossa Senhora e a todos santos de minha devoção que intercedem perante o próprio Deus nos céus pelas causas dos fiéis. Em especial a São John Henry Newman, Santo Arthur de Glastonbury e Santo Alfred de Wessex que suas vidas me inspiração ainda mais na pesquisa e contemplação do catolicismo nas terras inglesas.

Agradeço aos meus familiares e amigos que me incentivaram e me ajudaram no que puderam para chegar até aqui, nos momentos finais da graduação. Bem como devo menção a todos meus professores, desde o primeiro ano no Ensino Infantil até o último semestre do meu curso, sobretudo aos meus professores de literatura.

Agradeço J.R. R. Tolkien, G.K. Chesterton e tantos outros autores de literatura fantástica que durante minha vida inteira infundiram meu imaginário das histórias mais emocionantes. Faço menção aqui da banda brasileira Trieb por sua excelente adaptação do poema épico trabalhado aqui nesse trabalho. Agradeço também ao professor de história Thiago Braga, seus vídeos ajudaram nesta pesquisa em particular e são um ótimo conteúdo para todos que apreciam temas relacionados.

“Tudo o que temos que fazer é decidir o que  
fazer com o tempo que nos é dado.”  
(TOLKIEN, 2019, p. 104)

## RESUMO

No presente trabalho foram analisados os arquétipos da personagem Alfred de Wessex na obra *The Ballad of The White Horse* de G. K. Chesterton, visando contribuir no debate acerca do herói épico nas obras de mesmo gênero e narrativas semelhantes. Para atingir esse fim, foi realizada uma análise da personagem na obra e como ela se assemelha com outros personagens heroicos. Também foi utilizado arcabouço teórico de pesquisadores que possuem em comum esse mesmo objeto de estudo tais como Joseph Campbell e Carl Gustav Jung.

**Palavras-chave:** Chesterton; Alfred; Arquétipo.



## **ABSTRACT**

In this work, the archetypes of the character Alfred of Wessex in *The Ballad of The White Horse* by G. K. Chesterton were analyzed, aiming to contribute to the debate about the epic hero in works of the same genre and similar narratives. To achieve this end, an analysis of the character in the work was carried out and how it resembles other heroic characters. The theoretical framework of a researcher, who has the same object of study in common, such as Joseph Campbell and Carl Gustav Jung, was also used.

**Keywords:** Chesterton; Alfred; Archetype.

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>10</b>
<b>2 ANIMA, MUSAS E O FEMININO NO GÊNERO ÉPICO.....</b>	<b>13</b>
<b>3 INCONSCIENTE COLETIVO, ARQUÉTIPOS E O INÍCIO DA JORNADA.....</b>	<b>18</b>
<b>4 A QUEDA DO HÉROI, MENDIGOS E MENESTREIS.....</b>	<b>28</b>
<b>5 REDENÇÃO, BATALHAS E RETRIBUIÇÃO.....</b>	<b>33</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Tendo em vista as inúmeras figuras históricas e literárias que apresentam características de governantes reais e de paladinos, tal como Alfred de Wessex, o personagem em análise no presente trabalho; Carlos Magno, Imperador do Sacro Império Romano Germano; Rei Arthur; Rei Ricardo, Coração de Leão; Luís IX, Rei da França; Aragorn, Rei de Gondor, e o Rei David, presente nas narrativas bíblicas. Seria demasiadamente dificultoso abordar cada uma delas em um único trabalho, portanto, foi escolhida apenas uma dessas personagens para ser abordada. A escolha pelo Rei Alfred de Wessex foi motivada por questões de maior familiaridade e afinidade com a obra escolhida, na qual ele é o protagonista.

O presente trabalho pretende contribuir com essa linha de pesquisa, que consiste em personagens monarcas que são reis e santos, que se correlaciona não apenas com figuras diferentes, mas também com abordagens e áreas diferentes. Porém, vale ressaltar que apesar de Alfred de Wessex ter sido uma figura histórica, aqui não serão abordados seus feitos e personalidade tal como é descrito no registro oficial da historiografia vigente, tendo em vista que o objeto de pesquisa é o personagem enquanto figura literária do poema épico *The Ballad Of The White Horse* de G.K Chesterton. Portanto, fica também registrado que poderá haver discrepâncias entre outras obras que também se utilizem do mesmo personagem, mas que não afetarão a análise do presente trabalho, mas que *a posteriori* poderão ser correlacionadas por outros trabalhos ampliando, assim, o diálogo intertextual.

Gilbert Keith Chesterton, mais conhecido como G.K. Chesterton, foi um conhecido ensaísta, apologeta do catolicismo romano e escritor inglês. Ele, por sua vez, era anglicano até a Igreja da Inglaterra rever sua posição em relação ao aborto, daí Chesterton se converte a Igreja Católica Apostólica Romana. Era um apaixonado pela Idade Média e ferrenho crítico da modernidade, escreveu diversos livros em diversos gêneros. Aqui, trataremos de um poema épico de sua autoria *The Ballad of The White Horse*.

*The Ballad of The White Horse* é um poema escrito em forma de Balada. A Balada é um tipo de verso popular utilizado também na Idade Média. O poema tem como personagem Alfred de Wessex, também conhecido como Alfred, O Grande.

Ele foi um rei inglês e santo católico que teve sua fama reconhecida por ter libertado a Inglaterra das invasões dos vikings.

O poema emula um gênero antigo. Seu aspecto medieval ajuda na imersão do leitor nesse período histórico. Como apresentado no título, o poema é feito em forma de balada, sua estrutura apresenta diversas variações em relação a quantidade de linhas das estrofes e como suas rimas acontecem. Apesar de ser um personagem baseado em uma figura real e que muitos dos eventos descritos na obra de certa forma aconteceram, o presente trabalho não pretende deter-se no aspecto historiográfico da obra, mas no recorte da personagem literária dentro dessa obra no que tange seus aspectos relacionados ao mito do herói. Portanto, os apontamentos aqui desenvolvidos abordam esses elementos que se manifestam nas atitudes e falas da personagem que apresentam características próprias do herói, bem como em características que o diferenciam dos outros.

Os principais teóricos utilizados para o desenvolvimento desse trabalho foram Carl Gustav Jung e Campbell. Jung sendo o desenvolvedor dos conceitos de Arquétipo e de Inconsciente Coletivo é a fonte primária para entender esses dois conceitos. Campbell com sua obra "*O Herói de Mil Faces*" descreve as mais diversas características do personagem heróico e de sua jornada. No primeiro capítulo da análise da Obra, foi abordado um arquétipo primordial por nome de "*anima*". Esse arquétipo é ligado ao lado feminino que, segundo Jung, existe em qualquer ser humano. Sendo assim, foi descrito como "*anima*" se relaciona com o processo criativo na concepção de poemas épicos.

No segundo capítulo intitulado "Inconsciente Coletivo, Arquétipos e o Início da Jornada", foram abordadas às definições de inconsciente coletivo e arquétipos pela perspectiva de Jung. Foram apresentadas também as características de início da jornada do herói e as diferenças entre o herói cristão e o herói pagão.

Em “A queda do Herói, Menestréis e Mendigos”, foi explorado a parte da estória na qual o herói tem um declino em sua posição pela perspectiva de Joseph Campbell sobre o assunto e comparado com outras obras como “*A Ilíada*”. Nesse capítulo, também pode ser notada pelo leitor a perspectiva social da personagem Alfred.

No quarto capítulo, “Redenção, Batalhas e Retribuição”, dando seguimentos para as últimas partes da Jornada de Alfred, foi descrita a passagem de confissão que o herói faz antes de enfrentar as últimas batalhas. Também foi explorado seu aspecto patriótico. Após isso, os resultados obtidos serão descritos na conclusão.

## 2 ANIMA, MUSAS E O FEMININO NO GÊNERO ÉPICO

Em “The Ballad of The White Horse”, Chesterton apresenta a figura de Alfred de Wessex, rei inglês e santo oficialmente canonizado pela Igreja Católica durante as chamadas invasões bárbaras à Inglaterra. Existe o registro historiográfico tanto de Alfred quanto das invasões vikings, mas no prefácio que é escrito em prosa, Chesterton deixa claro que não pretende nesse poema narrar os fatos como eles realmente teriam acontecido tal qual é descrito nos livros de história.

Após o pequeno trecho em prosa, começam as primeiras estrofes do texto em verso, mas ainda não poderíamos dizer que a saga de Alfred começa a partir daí. A primeira seção do texto em verso leva o nome de “*Dedication*”, na qual Chesterton faz uma homenagem a sua esposa, fazendo paralelos de momentos com ela que ajudaram na escrita do poema, com partes que fazem menção ao poema em si.

O fato de o autor fazer menção a sua esposa como se fosse uma musa lembra o início das grandes epopéias homéricas, quando o narrador começa o texto épico convocando uma deusa ou uma musa para declamar os versos contando os grandes feitos dos maiores heróis de seu tempo.

Canta, ó deusa, a cólera de Aquiles, o Pelida  
(mortífera!, que tantas dores trouxe aos Aqueus  
E tantas almas valentes de heróis lançou no Hades,  
Ficando seus corpos como presas para cães e aves  
De rapina, enquanto se cumpria a vontade de Zeus),  
Desde o momento em que primeiro se desentenderam  
O Atrida, soberano dos homens, e o divino Aquiles. (HOMERO, 2013,  
p.109)

O trecho, retirado de uma tradução da *Ilíada*, é a primeira estrofe desse poema e podemos ver esse pedido do narrador para que uma deusa declame os versos que narram a história dos eventos da guerra de troia que levaram Aquiles, filho de Tétis, ao seu ataque colérico que resultaria na morte de Heitor.

Fale-me, Musa, do homem astuto que tanto vagueou,  
depois que de Troia destruiu a cidadela sagrada.  
Muitos foram os povos cujas as cidades observou,  
cujos espíritos conheceu; e foram muitos no mar  
os sofrimentos por que passou para salvar a vida,  
para conseguir o retorno dos companheiros a suas casas.

Mas a eles embora o quisesse, não logrou salvar.  
 Não, pereceram devido à sua loucura,  
 Insensatos, que devoraram o gado sagrado de Híperion,  
 o Sol — e assim lhes negou o deus o dia do retorno.  
 Destas coisas fala-nos agora, ó deusa, filha de Zeus. (Homero, 2011, p.119)

O trecho acima é a primeira estrofe do primeiro canto da *Odisséia*. Aqui, pode ser notada a estrutura semelhante com o início da *Ilíada*, na qual o poeta faz o chamado à figura feminina ctônica<sup>1</sup> para que daí aconteça o desenrolar da narrativa. Nesse caso, seria de eventos que aconteceriam após a Guerra de Troia, quando Ulisses e seus companheiros de viagem buscam retornar para suas casas, mas a imprudência de seus compatriotas somada com uma série de desventuras dificultariam demasiadamente a conclusão da jornada de volta.

Já na sessão “*Dedication*”, Chesterton começa a tecer sua prosa, mas ele não faz menção direta a nenhuma deidade feminina, seja de menor grau ou de maior grau de elevação em um panteão politeísta. É possível que um leitor desatento demore a entender a referência a sua esposa, já que ela não aparece logo nas primeiras linhas dessa parte:

*Lady, by one light only  
 We look from Alfred's eyes,  
 We know he saw athwart the wreck  
 The sign that hangs about your neck,  
 Where One more than Melchizedek  
 Is dead and never dies.* (CHESTERTON, 2023, n.p)<sup>2</sup>

Havendo Chesterton viajado com sua esposa para ajudá-lo a escrever este poema, “*The Ballad of The White Horse*”, ele dirigiu-se a ela, escrevendo com linguagem poética. Diz que eles teriam visto pela perspectiva do próprio Rei Alfred ao passear por regiões que ele teria passado e terem essas experiências que visam uma imersão na história da Inglaterra e do próprio Alfred.

Chesterton compara nesse mesmo trecho Alfred ao personagem bíblico Melquisedec. Melquisedec aparece no livro de Genesis. Ele foi um rei e, também, foi canonizado e venerado pela Igreja Católica Apostólica, bem como diversas outras religiões. Além disso, é comparado ao próprio Cristo pelo escritor do livro de Hebreus, lembrando de que vale ressaltar que a autoria mais provável desse

<sup>1</sup> Aqui se apresenta como sinônimo de divino

<sup>2</sup> Senhora, por apenas uma luz/ Nós olhamos pelos os olhos de Alfred,/Nós soubemos que olhou transversalmente o naufrágio/ O sinal que está atado ao seu pescoço,/ Onde mais Um além de Melchizedek/ está morto e nunca morre. (CHESTERTON, 2023, n.p., tradução nossa)

livro é palco de inúmeras e acaloradas discussões por estudiosos na área de manuscritologia de textos religiosos semíticos. A citação mencionada anteriormente é a seguinte:

**Melquisedec** — Este Melquisedec é de fato, rei de Salém, sacerdote de Deus Altíssimo, Ele saiu ao encontro de Abraão quanto este regressava do combate contra os reis, e o abençoou. [...] Portanto, se a perfeição fora atingida pelo sacerdócio levítico — pois é nele que se apóia a Lei dada ao povo — que necessidade haveria de outro sacerdote, *segundo a ordem de Melquisedec*, e não “segundo a ordem de Aarão? Mudado o sacerdócio, necessariamente se muda também a Lei. (Hb 7,1. 11-12)

Independentemente de sua autoria, por ser um livro considerado canônico pela Igreja Católica Apostólica Romana, esse trecho possui um significado de extremo valor religioso para um devoto católico como Chesterton o era. Aqui, o autor constata ao mesmo tempo o caráter sacerdotal do Rei Melquisedec e o caráter sacerdotal do próprio Jesus. Logo, dificilmente Chesterton compararia Alfred com Melquisedec de forma leviana. Aqui, lidamos com sombras do próprio Cristo para o autor e ao mesmo tempo vemos que a visão de Chesterton sobre o reinado de Alfred não era de forma nenhuma secular, mas possuía também um caráter espiritual.

Retornando a discussão a respeito do aspecto feminino, Chesterton não tem sua esposa por uma divindade que lhe trazia uma inspiração sobrenatural para tecer seus versos, mas ela ajudou a conceber seu poema de formas menos místicas, com sua companhia e seu apoio enquanto esposa.

O ponto chave aqui do fator feminino, uma inspiração feminina primordial remete em Jung ao conceito de *anima*, um dos arquétipos introdutórios.

Os críticos desconhecem os fenômenos em questão, pois eles se encontram em sua maioria fora de um saber puramente médico, no terreno da experiência humana universal. A alma com que o médico lida não se preocupa com a limitação do saber deste, mas exprime suas manifestações de vida, reagindo a influências de todas as áreas da experiência humana. Sua natureza não se revela apenas na esfera pessoal, na dos instintos ou na esfera social, mas nos fenômenos do mundo de um modo geral; em outras palavras, se quisermos compreender o que significa "alma" devemos incluir o mundo. Não podemos, mas devemos, por razões práticas, delimitar nossas áreas de trabalho; isso porém só pode ser feito com pressuposição consciente dos limites. (JUNG, 2000, p.69)

No trecho acima, Jung defende-se de acusadores que ele alega que possuem uma crítica infunda ao arquétipo de *anima*, pois a tradução literal do termo



seria “alma”. Então, seus críticos supostamente o acusaram de elaborar um pressuposto teórico em seu desenvolvimento acadêmico que fosse espiritualista e confessional, logo tomando partido de alguma crença em particular e, em consequência disso, fugiria do método científico. Mas ele mesmo afirma que não seria o caso.

O conceito de *anima* está atrelado ao aspecto feminino e mesmo quando nos referíamos à personagem masculinos ele pode estar presente facilmente.

Embora pareça que a totalidade da vida anímica inconsciente pertence à anima, esta é apenas um arquétipo entre muitos. Por isso, ela não é a única característica do inconsciente, mas um de seus aspectos. Isto é mostrado por sua feminilidade. O que não é eu, isto é, masculino, é provavelmente feminino como o não-eu é sentido como não pertencente ao eu, e por isso está fora do eu, a imagem da anima é geralmente projetada em mulheres. O sexo oposto, até certo ponto, é inerente a cada sexo, pois biologicamente falando é só o maior número de genes masculinos que determina a masculinidade. O número menor de genes femininos parece determinar o caráter feminino, que devido à sua posição subordinada permanece habitualmente inconsciente. Com o arquétipo da anima entramos no reino dos deuses, ou seja, na área que a metafísica reservou para si. Tudo o que é tocado pela anima torna-se numinoso, isto é, incondicional, perigoso, tabu, mágico. Ela é a serpente no paraíso do ser humano inofensivo, cheio de bons propósitos e intenções. Ela convence com suas razões a não lidar-se com o inconsciente, pois isso destruiria inibições morais e desencadearia forças que seria melhor permanecerem inconscientes. (JUNG, 2000, p.37)

O trecho acima não é de autoria própria de Jung, está contido na sessão “Dos Editores” da edição que estamos utilizando na pesquisa. Mas nos ajuda a entender o conceito junguiano de *anima* no que tange ao seu aspecto atrelado a características femininas. É interessante ver o tanto de figuras mencionadas anteriormente nesse mesmo texto que são personagens femininas que, frequentemente, estão presentes em mitologias, livros contemporâneos, jogos eletrônicos e jogos de tabuleiros como bruxas, fadas, elfas e ninfas.

Historicamente encontramos a anima nas sizígias "divinas", nos pares divinos masculino-femininos. Estes mergulham, por um lado, nas obscuridades da mitologia primitiva e, por outro, elevam-se nas especulações filosóficas do gnosticismo e da filosofia chinesa, onde o pai cosmogônico de conceitos é denominado yang (masculino) e yin (feminino). Podemos afirmar tranquilamente, acerca dessas sizígias, que elas são tão universais como a existência de homens e mulheres. Deste fato, naturalmente, resulta que a imaginação está presa a esse motivo de tal forma que em todo o tempo e lugar ela é motivada a projetá-lo sempre de novo. Ora, sabemos pela experiência médica que a projeção é um processo inconsciente automático, através do qual um conteúdo inconsciente para o sujeito é transferido para um objeto, fazendo com que este conteúdo pareça

pertencer ao objeto. A projeção cessa no momento em que se toma consciente, isto é, ao ser constatado que o conteúdo pertence ao sujeito (JUNG, 2000, p. 72)

No trecho acima, Jung faz menção que anima pode acontecer por intermédio da *projeção*. Esse conceito de projeção de Jung está correlacionado com o conceito de *sombra*. A sombra é tudo aquilo que se mantém oculto no inconsciente do sujeito e a projeção ocorre quando alguma dessas facetas secretas que se escondem no inconsciente se mostra no indivíduo. Então, como todo sujeito possui os pares masculino-feminino, o fato de um arquétipo ser feminino não significa que ele não pode aparecer em indivíduos que se identificam como sendo do gênero masculino. Pode ser inferido que o autor do poema aqui trabalhado faz o mesmo em sua seção “Dedication”. Quando ele evoca seu lado feminino para que consiga escrever a narrativa. Seja esse lado sua própria esposa ou sua parte feminina que reside em seu Inconsciente.

### 3 INCONSCIENTE COLETIVO, ARQUÉTIPOS E O INÍCIO DA JORNADA

O conceito de inconsciente coletivo, desenvolvido por Jung, constata a idéia de que não só é possível que exista um imaginário popular, mas também de como esse fenômeno ocorre dentro de uma comunidade:

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade (JUNG, 2000, p.53).

Jung afirma que dentre os aspectos principais do conceito de inconsciente coletivo, o fator da vivência em sociedade e a transmissão de seus valores são elementos de extrema importância para construção do imaginário popular. Tal conceito acaba se tornando para alguns um aprofundamento da teoria de seu mentor, Sigmund Freud, e para outros é de fato o início de uma ruptura real com a psicanálise freudiana.

A idéia de trabalhar o imaginário popular fez com que Jung identificasse e catalogasse essas características similares de personagens que estão presentes nas mais diversas narrativas, inclusive em cosmogonias ou como alguns preferem chamar “Mitos de Criação”, mas também que estão presentes nos mais variados tipos de narrativas, inclusive contemporâneas. Logo, ambos os conceitos desenvolvidos por Jung, tanto o do inconsciente coletivo quanto o de arquétipo podem ser ferramentas preciosas para uma gama de diferentes campos do saber científico.

As idéias de Jung passam a ser trabalhadas *a priori* na psicanálise que, na época, era uma ramificação relativamente nova da psicologia, mas que podem facilmente ser utilizadas, por exemplo, no âmbito da literatura comparada ou das religiões comparadas por seu foco diferencial em colocar sob análise não um

individuo, mas povos e culturas diferentes e apresentar o que há de mais próprio em suas lendas. Como em um artigo de Leiroz (2022, n. p.):

Em cada eclipse, os índios de várias partes do Brasil fazem um ritual muito barulhento, a fim de espantar a Onça Celeste para que ela não engula o Sol e a Lua. Na mitologia nórdica, o Ragnarok só é possível após os lobos Skoll e Hati, filhos do gigante Lobo Fenrir, engolirem o Sol e a Lua.

Na citação acima, a autora coloca em paralelo alguns aspectos de duas culturas distintas, nesse caso, Tupi e nórdica, e o leitor poderá ver as semelhanças das suas narrativas escatológicas. Mesmo sendo de povos que se desenvolveram distantes uns dos outros. Esse é apenas um caso dos inúmeros que poderiam ser mencionados.

É digno de nota que o autor da obra abordada nesse trabalho, Gilbert Keith Chesterton, defende a importância da preservação da tradição oral, lendas e fábulas comuns em uma sociedade como algo imprescindível. Tais afirmações serão tratadas em seu famoso livro de apologética da cosmovisão católica “Ortodoxia” no quarto capítulo, intitulado “A ética da Elfolândia”[sic].

É muito fácil entender por que uma lenda é tratada, e deve ser tratada, como mais respeito que um livro de história. A lenda é feita geralmente pela maioria das pessoas da aldeia que são sãs.[...] Tradição pode ser definida como uma extensão da cidadania. Tradição significa dar votos à mais obscura de todas as classes: nossos ancestrais. É a democracia dos mortos. A tradição se recusa a submeter-se à pequena e arrogante oligarquia daqueles que meramente estão andando por aí. Todos os democratas contestam que os homens devem ser desqualificados pelo acidente de terem nascidos; a tradição contesta a sua desqualificação pelo acidente de terem morrido. (CHESTERTON, 2019, p.57)

Chesterton reforça a sua visão da importância da tradição enquanto conjunto de valores, crenças e narrativas lendárias como uma forma de atingir a democracia, tal como é defendida por ele mesmo no seu conceito de “The Ethics of Elfland”, ou como está traduzido na edição aqui utilizada e referenciada na sessão de bibliografia, “A Ética da Elfolândia” que, por sua vez, está amplamente correlacionada com seu conceito de “Democracia dos mortos”.

É evidente que esse sentimento de Chesterton por essas narrativas populares fez com que isso influenciasse em sua escrita e aplicasse em sua obra. Sendo assim, os valores católicos, bem como a cultura inglesa e o apelo pela cultura

popular em detrimento da cultura burguesa (muito por conta de sua visão política) estão personificados em diversos de seus personagens.

O segundo conceito a ser trabalhado aqui também foi desenvolvido por Jung, os arquétipos são sua marca registrada:

O conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da idéia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar. A pesquisa mitológica denomina-as "motivos" ou "temas"; na psicologia dos primitivos elas correspondem ao conceito das représentations collectives de LEVY-BRÜHL e no campo das religiões comparadas foram definidas como "categorias da imaginação" por HUBERT e MAUSS. ADOLF BASTIAN designou-as bem antes como "pensamentos elementares" ou "primordiais". A partir dessas referências torna-se claro que a minha representação do arquétipo - literalmente uma forma preexistente [...] (JUNG,2000, p.53)

Jung defende que o conceito de arquétipo está amplamente atrelado ao conceito de inconsciente coletivo. Ele afirma e defende que o conceito não foi criado por ele, mas já foi concebido por outros pesquisadores e de outros campos de pesquisa acadêmica. Afirma também que o significado literal da palavra “arquétipo” seria uma “forma preexistente”.

A reação necessária e da qual o inconsciente coletivo precisa se expressa através de representações formadas arquetipicamente. O encontro consigo mesmo significa, antes de mais nada, o encontro com a própria sombra. (JUNG, 2000, p. 31)

No que diz respeito a presente pesquisa, algo que já foi mencionado aqui, , diversas personalidades históricas e literárias são figuras semelhantes ao personagem que foi selecionado, nos mais variados povos. *O Herói de Mil Faces*, a obra mais conhecida de Joseph Campbell, é um compêndio extremamente didático sobre a mitologia do herói ao longo do desenvolvimento do imaginário antropológico. No livro, o leitor poderá conhecer as principais características próprias das narrativas em que aparece esse tipo de personagem:

Estamos familiarizados com essas façanhas graças a Jack, o Matador de Gigantes, aos contos infantis e aos relatos clássicos dos trabalhos de heróis como Hércules e Teseu. Elas também são abundantes nas lendas dos santos cristãos, tal como no encantador conto francês de Santa Marta [...] Os reis-guerreiros da Antigüidade encaravam seu trabalho à feição de matadores de monstros. Na realidade, essa fórmula do herói brilhante que se lança contra o dragão foi o grande pretexto para a autojustificação de todas as cruzadas. (CAMPBELL, 1949, p.186-187)

Campbell descreve que elementos comuns de algumas narrativas fantásticas sobre santos cristãos, rei e guerreiros estão presentes em diversas culturas. Nessas mesmas páginas, ele vai mencionar tanto uma lenda fantástica de origem francesa sobre Santa Marta, como também *a posteriori* continua analisando narrativas sumérias presentes na Epopéia de Gilgamesh. O autor também menciona como esse mesmo imaginário acabou representando o ideal de cavalaria e servindo como forma de fomentação e justificação propagandística para as cruzadas.

A figura do Herói que tem sua origem nas cosmogonias pagãs, não foi apagada pelo advento da Idade Média cristã, mas o Herói foi cristianizado. Logo, sua busca passa a ser a auto-redenção ou a consolidação do reino de Deus na terra e não pilhagem ou fama. Portanto, o Herói das estórias de cavalaria deveria lutar com o seu antecessor, o Herói pagão, e superá-lo apenas pela virtude ou pela Divina Providência.

É nisso que poderia diferenciar a figura do Sir Lancelot do ciclo Arthuriano com os dois protagonistas homéricos, Aquiles e Ulisses. Principalmente de Ulisses que, embora seja um bom combate, sua fama maior vem de sua capacidade aprimorada de elaborar artimanhas que consigam livrá-lo de uma situação de risco com pouco ou nenhum combate.

Alguns desses heróis apresentavam também uma segunda característica que poderia dar um peso ainda maior em sua importância: eles eram reis, imperadores ou governantes. O Exemplo mais comum a mencionar seria do próprio Rei Arthur de Camelot, cuja existência historiográfica é palco de inúmeras controvérsias entre estudiosos da área, mas, independentemente de sua origem histórica, seu arcabouço de lendas entrou se não para o cânone literário mundial, definitivamente, estará no cânone ocidental. Mas figuras como o Imperador Charlemagne, ou Carlos Magno, do Sacro Império Romano Germano, que realmente existiu, apresenta ambas características. Os dois, tanto Arthur quanto Carlos Magno, são descritos como sendo a representação do ideal de cavalaria, ou seja, o verdadeiro *ethos* do herói cristão.

Quando entendemos que a nobreza e a realeza não são apenas cargos ou títulos honoríficos para a mentalidade do homem medieval, e sim uma confirmação divina do direito do nobre a governar, então esse aspecto torna o herói enquanto nobre, um portador de uma missão elevada. Ele veio de uma linhagem escolhida por Deus:

Antes de passarmos ao último episódio da vida, resta ainda um tipo de herói a ser mencionado: o santo ou asceta, aquele que renuncia ao mundo. "Com a mente plena de pura compreensão, sendo perseverante no domínio do eu, tendo abandonado toda aliança com o som e com todos os objetos; e estando livre do amor e do ódio; habitando um local solitário, seguindo uma dieta frugal, tendo controlado a fala, o corpo e a mente, sempre engajado na meditação e na concentração e cultivando a liberdade com relação às paixões; banindo de si mesmo o egoísmo e a resistência, o orgulho e o desejo, o rancor e o sentimento de posse, de coração tranqüilo e livre do ego — ele se torna digno de tornar-se um só com o imperecível." [...] Tomás de Aquino, como resultado da experiência mística por que passou quando celebrava a missa em Nápoles, depôs a pena e a tinta na estante e deixou os últimos capítulos de sua *Summa theologica* para serem terminados por outras mãos. "Meus dias de escrever", disse ele, "se acabaram; pois me foram reveladas coisas que me mostraram ser tudo aquilo que escrevi e ensinei pouco importante para mim, razão porque espero em Deus que, assim como meus escritos chegaram ao fim, possa chegar dentro em breve o fim da minha vida." Pouco depois disso, aos quarenta e nove anos, ele faleceu. Estando além da vida, esses heróis também se acham além do mito. Eles já não tratam do mito, da mesma forma que o mito não pode tratar deles de modo adequado. Suas lendas são reapresentadas, mas os piedosos sentimentos e lições das biografias são necessariamente impróprios, pouco melhores que banalizações. (CAMPBELL, 1949, p. 190)

Campbell descreve a figura do herói enquanto santo. Seu caráter pode muitas vezes ser asceta. Rejeitando paixões consideradas mundanas para o seu código moral e sendo um ardo defensor de uma causa elevada. Além de que, como mencionado na citação de Tomás de Aquino transcrita pelo autor, pode ser notado que o herói enquanto santo não busca para si mesmo fama ou reconhecimento pelos seus atos, mas contra sua vontade, seus atos ficam registrados e amplamente divulgados por pessoas que se surpreendem pelas suas virtudes.

Relembrando a figura do Imperador Carlos Magno, e somando-a com a de outro rei-guerreiro, Luís IX da França, ambos estão no rol das figuras católicas que um fiel tem legitimação da Igreja para reverenciá-los e pedir sua intercessão mística. Não poderia ser falado em canonização, pois apenas o segundo foi, de fato, canonizado pelo Magistério da Igreja Católica. Pois seus atos tidos como heróicos e sua atuação na propagação da fé cristã os tornaram conhecidos como seus baluartes, logo os dois possuem as três características heróicas que serão trabalhadas na personagem Alfred: guerreiro, rei e santo.

Alfred e seus feitos são louvados no poema "The Ballad of the White Horse", como sendo de grande virtude e bravura, luta contra os povos pagãos pelo ideal de cavalaria e preservação da Cristandade, mas posteriormente, como foi registrado na historiografia medieval, enquanto governante, ele foi o que conseguiu um tratado de

paz entre os povos nórdicos e os ingleses. Além de erudito, tradutor e hagiógrafo, o Alfred histórico foi canonizado pela Igreja Católica.

O poema épico “*The Ballad of the White Horse*” propriamente dito é dividido em seções que Chesterton chamou de books (livros). O primeiro livro chamado “*The Vision of the King*”<sup>3</sup>, começa em sua primeira estrofe dando a origem da história em um tempo indeterminado:

*Before the gods that made the gods  
Had seen their sunrise pass,  
The White Horse of the White Horse Vale  
Was cut out of the grass.*

*Before the gods that made the gods  
Had drunk at dawn their fill,  
The White Horse of the White Horse Vale  
Was hoary on the hill.*

*Age beyond age on British land,  
Aeons on aeons gone,  
Was peace and war in western hills,  
And the White Horse looked on.*

*For the White Horse knew England  
When there was none to know;  
He saw the first oar break or bend,  
He saw heaven fall and the world end,  
O God, how long ago.*

*For the end of the world was long ago,  
And all we dwell to-day  
As children of some second birth,  
Like a strange people left on earth  
After a judgment day. (CHESTERTON, 2023, n.p.)<sup>4</sup>*

O início da narrativa começa construindo no imaginário do leitor tempos remotos, primordiais e com ares místicos, o passado daquilo que viria a ser a Inglaterra. E fazendo menção do julgamento final, evento da escatologia cristã que, segundo as narrativas bíblicas, ocorrerá no fim dos tempos como conhecemos. Mas o recorte histórico no qual se passa a narrativa, se dá após a queda do Império

<sup>3</sup> A visão do Rei (CHESTERTON, 2023, n.p. tradução nossa)

<sup>4</sup> Antes que os deuses que fizeram os deuses/ Tivessem visto sua alvorada passar,/ O Cavalo Branco no Vale do Cavalo branco/ Foi cortado da grama. Antes que os deuses que fizeram os deuses/ Tivessem bebido na alvorada sua porção,/ O Cavalo Branco do Vale do Cavalo Branco/ Já estava velho na colina/ Era após era na Terra Bretã/ Tempos após tempos que se foram,/ Teve paz e guerra nas colinas ocidentais,/ E o Cavalo Branco olhou sobre./ Para o Cavalo Branco que conhece a Inglaterra/ Quando achava que não havia nada mais para saber;/ Ele viu a primeira quebra ou dobra de remo; Ele viu o Paraíso cair e o mundo acabar,/ Oh Deus, quando isso aconteceu / O fim do mundo foi a muito tempo atrás,/ E todos nós vivemos no presente como filhos de algum tipo de segundo nascimento,/ Como um povo estranho deixado na Terra/ Depois do julgamento final.(CHESTERTON, 2023, n.p. tradução nossa)



Romano do Ocidente, e depois de já estabelecida a cristianização das terras inglesas.

Contudo, a Inglaterra não era o Império Britânico ainda. A ilha era dividida em vários reinos diferentes. E foi no Reino de Wessex, governado pelo Rei Alfred, que os vikings acharam uma resistência consideravelmente intransponível. A unificação da Inglaterra daria início pela dinastia de Wessex, como Braga (2022) atesta. Além de vencer diversas escaramuças contra os nórdicos, Alfred conseguiu, por intermédio da conversão dos vikings ao Catolicismo, conseguir firmar um tratado de paz:

*A sea-folk blinder than the sea  
Broke all about his land,  
But Alfred up against them bare  
And gripped the ground and grasped the air,  
Staggered, and strove to stand.*

*He bent them back with spear and spade,  
With desperate dyke and wall,  
With foemen leaning on his shield  
And roaring on him when he reeled;  
And no help came at all. (CHESTERTON, 2023, n.p.)<sup>5</sup>*

A resistência de Alfred não demora para ser citada no poema. O narrador diz que, apesar da fúria nórdica, o reino de Wessex não aceitava render-se aos povos pagãos, apesar deles estarem conquistando tudo o que viam pela frente. Na passagem abaixo, ainda no Livro I, o narrador faz uma curiosa descrição dos chamados povos bárbaros.

*The Northmen came about our land  
A Christless chivalry:  
Who knew not of the arch or pen,  
Great, beautiful half-witted men  
From the sunrise and the sea.*

*Misshapen ships stood on the deep  
Full of strange gold and fire,  
And hairy men, as huge as sin  
With horned heads, came wading in  
Through the long, low sea-mire.*

*Our towns were shaken of tall kings  
With scarlet beards like blood:  
The world turned empty where they trod,*

---

<sup>5</sup> Um Povo-do-Mar mais cego que o mar/ Devastou tudo sobre sua terra, /Mas Alfred se levantou para os enfrentar/ Ele os curvou para trás com lança e pá,/Com inimigos apoiados em seu escudo/Rugindo sobre ele quando cambaleou;/E nenhuma ajuda veio (CHESTERTON, 2023, n.p. tradução nossa)

*They took the kindly cross of God  
And cut it up for wood.*

*Their souls were drifting as the sea,  
And all good towns and lands  
They only saw with heavy eyes,  
And broke with heavy hands,*

*Their gods were sadder than the sea,  
Gods of a wandering will,  
Who cried for blood like beasts at night,  
Sadly, from hill to hill. (CHESTERTON, 2023, n.p.)<sup>6</sup>*

A descrição que o narrador dá a aparência dos vikings vem de concepções datadas e tidas como “propaganda cristã” contra os povos pagãos do norte, como podemos ver em Braga (2022). Porém, nada afeta na estória que está sendo narrada no poema épico e evidencia a perspectiva dos povos cristãos ao serem invadidos por pessoas que eles consideravam servos de forças diabólicas. Entretanto, um ponto que chama atenção aqui é quando narrador diz a seguinte frase “*The Northmen came about our land/ A Christless chilvary*”<sup>7</sup>. Em tradução livre: Os Homens do Norte vieram sobre nossa terra; uma cavalaria sem Cristo.

Nesse trecho mencionado acima, podemos ver da perspectiva do narrador que os nórdicos, diferente dos cristãos ingleses, possuíam apenas a parte bélica de uma organização militar, diferente deles que teriam também o aspecto “virtuoso”. Poderia ser inferido que ele (narrador) acreditasse que eles possuíam apenas a barbárie, sem a moral cristã para os nortear. Aqui, há divisão entre os *ethos* dos guerreiros cristãos e dos guerreiros pagãos.

A descrição do narrador acaba por, de certa forma, demonizar os povos invasores de suas terras. Quando fala sobre suas “barbas escarlates semelhantes a sangue” ou de seus chapéus com pontas de chifre.

---

<sup>6</sup> Os Homens do Norte vieram a nossa terra/ Uma cavalaria sem Cristo:/Que não conhecia pena ou arco./Grande, bonitos homens meio estúpidos/Vindo do por do sol e do mar/Navios disformes levantaram-se das profundezas/Abarrotados de estranho ouro e fogo,/E homens peludos, enormes como o pecado/Com cabeças com chifres, veio entrando/Através do longo e baixo pântano do mar./Nossas cidades foram abaladas por reis altos/Com barbas escarlates como sangue/O mundo ficou vazio onde eles pisaram,/Eles levaram a gentil cruz de Deus/E cortaram-na para fazer lenha./Suas almas estavam à deriva como o mar,/E todas as boas cidades e terras/Eles só as viram com olhos pesados,/E quebrou-as com mãos pesadas/Seus deuses eram mais tristes que o mar,/Deuses de vontade errante,/Que clamavam por sangue como bestas à noite,/Infelizmente, de colina em colina. (CHESTERTON, 2023, n.p., tradução nossa)

<sup>7</sup> Os homens-do-norte vieram a nossa terra/Uma cavalaria sem Cristo. (CHESTERTON, 2023, n.p. tradução nossa)

O ponto crucial dessa primeira parte da estória é a visão que Alfred tem da Virgem Maria. Ela aparece para Alfred dizendo-lhe uma mensagem que irá instigar Alfred a partir em sua jornada para libertar os cristãos:

*Mother of God," the wanderer said,  
"I am but a common king,  
Nor will I ask what saints may ask,  
To see a secret thing. (CHESTERTON, 2023, n.p.)<sup>8</sup>*

Após questionar a Santa Maria sobre os eventos de dor e perda que estão acontecendo na guerra contra os pagãos, finalmente Maria responde a Alfred:

*"I tell you naught for your comfort,  
Yea, naught for your desire,  
Save that the sky grows darker yet  
And the sea rises higher.  
"Night shall be thrice night over you,  
And heaven an iron cope.  
Do you have joy without a cause,  
Yea, faith without a hope?"*

*Even as she spoke she was not,  
Nor any word said he,  
He only heard, still as he stood  
Under the old night's nodding hood,  
The sea-folk breaking down the wood  
Like a high tide from sea.*

*He only heard the heathen men,  
Whose eyes are blue and bleak,  
Singing about some cruel thing  
Done by a great and smiling king  
In daylight on a deck. (Chesterton, 2023. n.p.)<sup>9</sup>*

Esse é basicamente o final do primeiro livro e a jornada continua no "Book II: The Gathering of The Chiefs"<sup>10</sup>. Alfred após receber a mensagem de Santa Maria parte em missão para reunir nobres e seus exércitos para lutar pela causa do fim das invasões dos homens do norte:

---

<sup>8</sup> "Mãe de Deus", disse o andarilho,/"Sou apenas um rei comum,/Nem vou perguntar o que os santos podem perguntar,/Para ver uma coisa secreta. (CHESTERTON, 2023, n.p tradução nossa)

<sup>9</sup> "Nada te digo para teu conforto,/Sim, nada para o seu desejo,/Perceba que o céu escureceu ainda/E o mar sobe mais alto./"A noite cairá três vezes sobre ti,/E o céu uma capa de ferro./Você tem alegria sem uma causa,/Sim, fé sem esperança?"/Mesmo enquanto ela falava, ela não estava falando,/Nem qualquer palavra disse ele,/Ele apenas ouviu, parado enquanto estava parado/Sob o capuz da velha noite,/O povo do mar quebrando a madeira/Como uma maré alta do mar./Ele só ouviu os homens pagãos,/Cujos olhos são azuis e sombrios/Cantando sobre alguma coisa cruel/Feito por um grande e sorridente rei/À luz do dia em um convés. (CHESTERTON, 2023, n.p., tradução nossa)

<sup>10</sup> A reunião dos Chefes" [Nobres] (CHESTERTON, 2023, n.p. tradução nossa)

*The King went gathering Wessex men,  
As grain out of the chaff  
The few that were alive to die,  
Laughing, as littered skulls that lie  
After lost battles turn to the sky  
An everlasting laugh (CHESTERTON, 2023, n.p.)<sup>11</sup>*

Campbell atesta em seu livro *O Herói de Mil Faces* que o primeiro passo da jornada é justamente o seu chamado. O elemento chave que aparecerá no começo da estória para que se dê início à jornada épica:

Mito ou sonho, há nessas aventuras uma atmosfera de irresistível fascínio em torno da figura que aparece subitamente como guia, marcando um novo período, um novo estágio, da biografia. O elemento que tem de ser encarado, e que, de alguma forma, é profundamente familiar ao inconsciente — apesar de desconhecido, surpreendente e até assustador para a personalidade consciente —, se dá a conhecer; e aquilo que antes tinha sentido pode tornar-se estranhamente sem valor, tal como ocorreu com o mundo da filha do rei, quando do súbito desaparecimento da bola dourada na fonte. Daí por diante, mesmo que o herói retorne, por algum tempo, às suas ocupações corriqueiras, é possível que estas se lhe afigurem sem propósito. E, então, uma série de indicações de força crescente se tornará visível, até que — tal como na lenda dos Quatro Sinais, contada a seguir, que é o exemplo mais celebrado do chamado da aventura na literatura mundial — a convocação já não possa ser recusada. (CAMPBELL, 1949, p.39)

No texto de Chesterton, “a figura que aparece subitamente como um guia” para o Rei Alfred de Wessex é Santa Maria que fala com ele dizendo palavras que levantam seu ânimo e estimulam a partir em jornada e juntar homens para lutar contra os povos pagãos. Ela é quem diz a Alfred sobre uma profecia que o leva para a sua jornada. No texto, Santa Maria diz: *Night shall be thrice over you./ [...] Do you have joy without cause,/ Yea, Do you have faith without hope?*<sup>12</sup>. É a partir do fim desse evento do encontro com Santa Maria que Alfred parte em jornada.

Não houve recusa do chamado, mas a obediência que um cavaleiro deve a sua dama. Então, com o seu propósito resoluto de guerreiro cristão, Alfred decide reunir forças para enfrentar inimigos numerosos e que estão aterrorizando as terras dos saxões.

<sup>11</sup> O Rei estava reunindo homens de Wessex,/Como grão fora do joio/Os poucos que estavam vivos para morrer,/Rindo, como crânios espalhados que jazem/Depois de batalhas perdidas, volte-se para o céu/uma risada eterna (CHESTERTON, 2023, n.p., tradução nossa)

<sup>12</sup> “A noite cairá três vezes sobre você/ [...] Você sente alegria sem motivo? Sim, sente fé sem esperança?” (CHESTERTON, 2023, n.p., tradução nossa)

#### 4 A QUEDA DO HERÓI, MENDIGOS E MENESTREIS.

O passo seguinte ao início da jornada é o período estrutural nas narrativas heróicas da queda do protagonista. Essa etapa aparece de diversas formas. Uma das formas usuais que aparecem nas narrativas é a descida do herói para alguma forma de submundo. Como na *Odisséia* em que Ulisses desce ao mundo dos mortos ou como Orfeu desce ao mesmo reino. Não é raro que no mito da descida do submundo, uma deidade despoja-se de suas regalias enquanto divindade por uma causa maior. Como quando Cristo desce aos infernos segundo os evangelhos. Não obstante, tais experiências são transformadoras para a personagem. Campbell (1949, p. 68-69) descreve a seguinte estória:

O mais antigo relato registrado da passagem pelos portais da metamorfose é o mito sumeriano da descida da deusa Inana ao mundo inferior. [...] Ela se adornou com vestimentas e jóias de rainha. Sete divinas sentenças prendeu ao cinto. Estava pronta para entrar na "terra sem retorno", o mundo inferior da morte e das trevas, governado por sua inimiga e irmã, a deus Ereshkígal. Temendo que sua irmã pudesse matá-la, Inana instruiu Ninshubur, sua mensageira, a dirigir-se ao céu e apresentar um clamor por justiça no grande plenário dos deuses, caso ela não retornasse dentro de três dias. Inana desceu. Aproximou-se do templo de lápis-lazúli e encontrou-se, no portão, com o porteiro-chefe, que lhe perguntou quem era e por que para ali se dirigira. "Sou a rainha do céu, do lugar onde o sol se levanta", replicou ela. "Se sois a rainha do céu", disse ele, "do local onde o sol se levanta, por que, dizei-me, por favor, viestes à terra sem retorno? Como vosso coração vos conduziu ao caminho de onde o viajante não retorna?" Inana declarou que havia ido para lá a fim de acompanhar as cerimônias fúnebres do marido de sua irmã, o senhor Gugalana; diante disso, Neti, o porteiro, pediu-lhe que aguardasse até que falasse com Ereshkígal. Neti recebeu instruções de abrir os sete portões à rainha do céu, mas também de seguir o costume e remover, em cada portal, uma parte de suas vestes.

Campbell traz como exemplo essa narrativa, que segundo ele, seria a descrição mais antiga dessa passagem de transição pelo mundo inferior. Apesar de sua descida ao mundo inferior ter sido voluntária, pode ainda ser chamado de queda. Os próprios habitantes do mundo inferior estranham o relato de uma figura que diz ser rainha do sol e estar em um local como aquele. Inana despojou-se. Por sua demanda, ela necessitava despojar-se de sua pompa e glória, descer ao nível de sua irmã sombria. Tudo em nome da causa maior que apenas um ser realmente superior poderia cumprir. Quanto mais ela ultrapassa os níveis do mundo inferior, mais retiram dela seus adornos de pedras preciosas e suas vestes de rainha do sul e cada vez mais ela vai se igualando a sua irmã sombria. Campbell (1949, p. 70) apresenta as seguintes constatações:

[..] O herói, deus ou deusa, homem ou mulher, a figura de um mito ou o sonhador num sonho, descobre e assimila seu oposto (seu próprio eu insuspeitado), quer engolindo-o, quer sendo engolido por ele. Uma a uma, as resistências vão sendo quebradas. Ele deve deixar de lado o orgulho, a virtude, a beleza e a vida e inclinar-se ou submeter-se aos desígnios do absolutamente intolerável. Então, descobre que ele e seu oposto são, não de espécies diferentes, mas de uma mesma carne. [...]

Faz parte do processo de metamorfose do herói passar por uma fase em que a sua glória e pompa é posta de lado para que a jornada continue. Essa provação define o herói. Os que apenas querem a aparência heróica não abririam mão dessa mesma aparência para, de fato, provarem que são realmente heróis. Mas esse declínio traz a personagem heróica para mais próximo do seu oposto.

Na passagem do “Book III: The Harp of Alfred”<sup>13</sup>, o rei-guerreiro de Wessex adentra ao acampamento de seus inimigos. Não com sua armadura, lança, escudo, espada de cavaleiro e em sua montaria, mas travestido de menestrel com uma harpa em punho e com outro nome.

*By the yawning tree in the twilight  
The King unbound his sword,  
Severed the harp of all his goods,  
And there in the cool and soundless woods  
Sounded a single chord. (CHESTERTON, 2023, n.p.)<sup>14</sup>*

O narrador diz que Alfred desfez de sua espada e tomou uma harpa. Alfred não irá descer a um submundo, reino dos mortos ou algo nesse sentido. A descida aqui é social. Ele deixa sua pompa enquanto rei e cavaleiro para misturar-se no acampamento. Interagir com seus inimigos não como um igual, mas como alguém socialmente inferior e inofensivo como um menestrel. Em uma sociedade estratificada como a Idade Média européia, essa troca de vestes, instrumentos de guerra por instrumentos de entretenimento e esconder títulos nobiliárquicos é muito significativa.

Espadas e vestes reais eram, de fato, privilégios para poucas pessoas. Alfred voluntariamente despoja-se disso tal como Inana. Enfrenta o perigo de

<sup>13</sup> Livro III: A Harpa de Alfred. (CHESTERTON, 2023, n.p., tradução nossa.)

<sup>14</sup> Pela árvore bocejando no crepúsculo/O Rei desfez de sua espada,/Separou a harpa de todos os seus bens,/E lá na floresta fresca e silenciosa/Soou um único acorde.(CHESTERTON, 2023, n.p., tradução nossa)

adentrar pelo acampamento com risco de ser descoberto ou mal-tratado, mesmo assim ele foi.

Alfred vestido de menestrel e infiltrado no acampamento dos povos nórdicos consegue, através de sua música, versar sobre sua fé católica:

*'For our God hath blessed creation,  
Calling it good. I know  
What spirit with whom you blindly band  
Hath blessed destruction with his hand;  
Yet by God's death the stars shall stand  
And the small apples grow."*

*And the King, with harp on shoulder,  
Stood up and ceased his song;  
And the owls moaned from the mighty trees,  
And the Danes laughed loud and long. (CHESTERTON, 2023,*

n.p.)<sup>15</sup>

Alfred entra e sai. Sua verdadeira identidade permaneceu oculta nesse episódio da narrativa. Nesse trecho, é demonstrado que o herói também possui conhecimento a respeito de sua própria fé e habilidade em cantar e escrever canções. Ele consegue entreter seus inimigos, demonstrar aspectos de sua fé. A coragem que teve para fazer tal ato de espionagem bem como realizá-lo de forma efetiva, pode ser um indicativo de que ele não é apenas um guerreiro habilidoso no que diz respeito ao combate frente a frente como o inimigo.

Porém, ainda despojado de sua armadura e armas, ele continua, ao menos por enquanto, andando como se fosse um simples menestrel e essa passagem da estória se encerra e começa a quarta parte. Em "Book IV: The Woman in The Forest"<sup>16</sup>, Alfred se vê errante até que ele encontra uma mulher em uma floresta assando bolos:

*King Alfred was but a meagre man,  
Bright eyed, but lean and pale:  
And swordless, with his harp and rags,  
He seemed a beggar, such as lags  
Looking for crusts and ale.*

<sup>15</sup> "Porque o nosso Deus abençoou a criação,/Chamando isso de bom. Eu sei/Que o espírito com quem você se une cegamente/Abençoou a destruição com sua mão;/No entanto, pela morte de Deus, as estrelas permanecerão/E as pequenas maçãs crescem."E o Rei, com harpa no ombro,/Levantou-se e cessou sua canção;/E as corujas gemiam das árvores poderosas,/E os dinamarqueses riram alto e por muito tempo. (CHESTERTON, 2023, n.p., tradução nossa)

<sup>16</sup> Livro IV: Uma Mulher em uma Floresta. (CHESTERTON, 2023, n.p. tradução nossa)

*And the woman, with a woman's eyes  
Of pity at once and ire,  
Said, when that she had glared a span,  
"There is a cake for any man  
If he will watch the fire." (CHESTERTON, 2023, n.p.)<sup>17</sup>*

Alfred, com sua aparência de menestrel e sem sua espada, aparentava um pobre pedinte (*beggar*) que busca por alimento. Ele sente pena da mulher quando ele olha para ela e parece ser um sentimento mútuo. A mulher diz que ele pode se alimentar dos bolos se ele ajudar a olhar o fogo.

Por sua vez, Alfred talvez influenciado não apenas por ver a condição da pobre mulher, mas por ele mesmo estar envolto de trapos e havendo experimentado passar uns momentos sendo tratado não como um rei, mas como alguém simples, começa a refletir sobre as relações entre Deus e os servos. E divaga sobre se Deus também é de certa forma um servo:

*But some see God like Guthrum,  
Crowned, with a great beard curled,  
But I see God like a good giant,  
That, labouring, lifts the world. (CHESTERTON, 2023, n.p.)<sup>18</sup>*

O Rei de Wessex após sua experiência no acampamento dos nórdicos, tendo visto da perspectiva dos pobres como é olhar para um rei, não haveria de ver os servos da mesma forma de antes. Ele declara que alguns vêem Deus como Guthrum: "Crowed with a great beard curled<sup>19</sup>". Mas ele não vê mais dessa forma e sim como um bom gigante que, através de seu trabalho, é que eleva o mundo. Mas durante sua reflexão e sua tristeza pela condição da pobre mulher, acaba por deixar a comida queimar. Ele tinha que vigiar o fogo e isso deixou a mulher enfurecida:

*And as he wept for the woman  
He let her business be,  
And like his royal oath and rash  
The good food fell upon the ash  
And blackened instantly.*

---

<sup>17</sup> O Rei Alfredo era apenas um homem magro,/Olhos brilhantes, mas magros e pálidos:/E sem espada, com sua harpa e trapos,/Ele parecia um mendigo, como se tivesse retardo/Procurando por côdeas e cerveja./E a mulher, com olhos de mulher/De piedade e ira ao mesmo tempo,/Disse, quando ela tinha olhado um palmo,/"Há um bolo para qualquer homem/Se ele observar o fogo."/ (CHESTERTON, 2023, n.p., tradução nossa)

<sup>18</sup> Mas muitos podem ver Deus como Guthrum/ Coroado, com uma grande barba encaracolada/, Mas eu vejo Deus como um bom gigante/,Que, com seu trabalho, ergue o mundo. (CHESTERTON, 2023, n.p., tradução nossa)

<sup>19</sup> Coroado e com uma grande barba encaracolada (CHESTERTON, 2023, n.p. tradução nossa)



*Screaming, the woman caught a cake  
Yet burning from the bar,  
And struck him suddenly on the face,  
Leaving a scarlet scar. (CHESTERTON, 2023, n.p.)<sup>20</sup>*

A mulher golpeia o grande rei no rosto com um dos bolos que ele deixou queimar, o que provocou uma cicatriz na sua face. A partir daí, Alfred volta a pensar sobre a situação principal da estória que é a sua guerra santa contra os homens do norte.

No texto Homérico, Ulisses que foi um dos grandes heróis da Guerra de Troia, conhecido por ser um homem de grande força, sagacidade e virtudes, era um aristocrata em sua amada terra, Ítaca. Ele, quando retorna para sua casa que estava repleta de convidados que devoravam suas riquezas e, por consequência, a herança de seu filho, vai transformado em mendigo e, por muito tempo, testa o tratamento que receberia daqueles homens enquanto mendigo.

A situação em que Alfred, O Grande, se meteu em disfarça-se de um pobre menestrel, abrindo mão mesmo que temporariamente de sua majestade, acaba por lembrar bastante outra narrativa de Ulisses.

---

<sup>20</sup> E enquanto ele chorava pela mulher/Ele esqueceu-se de seu ofício,/E como seu juramento real e imprudência/A boa comida caiu sobre as cinzas/E escureceu instantaneamente./Gritando, a mulher pegou um bolo/Ainda queimando na forma,/E o golpeou repentinamente no rosto,/Deixando uma cicatriz escarlate/ (CHESTERTON, 2023, n.p., tradução nossa)

## 5 REDENÇÃO, BATALHAS E RETRIBUIÇÃO

Na passagem do “Book V: ETHANDUNE: THE FIRST STROKE”<sup>21</sup>, que faz menção à Batalha de Ethandune, na qual Alfred de Wessex luta com os saxões contra o exército do pagão, o guerreiro-rei deste épico faz uma confissão sobre seus pecados e falhas:

*I wronged a man to his slaying,  
And a woman to her shame,  
And once I looked on a sworn maid  
That was wed to the Holy Name.*

*"And once I took my neighbour's wife,  
That was bound to an eastland man,  
In the starkness of my evil youth,  
Before my griefs began.*

*"People, if you have any prayers,  
Say prayers for me:  
And lay me under a Christian stone  
In that lost land I thought my own,  
To wait till the holy horn is blown,  
And all poor men are free." (CHESTERTON, 2023, n.p.)<sup>22</sup>*

Em sua confissão, Alfred de Wessex admite as inúmeras falhas de sua juventude, incluindo adultério. Aqui, ele busca por redenção. Alfred clama para que o povo reze por ele e que em sua morte não o privem de um sepultamento cristão, apesar de suas culpas. Mas ele quer ser enterrado em sua terra.

Podem ser destrinchados, através desses trechos, alguns aspectos a respeito da personagem. O herói aqui não é um ser infalível, mas um ser humano que possui inúmeras falhas e manchas em seu passado que são gravíssimas perante o seu próprio código moral. Porém, a busca por se redimir continua.

Outro aspecto é que, admitindo ser um pecador, não abandona sua fé, mas a defende. Diante de uma possível morte em combate e da perda da soberania dos saxões naquela região, Alfred em suas declarações já medita sobre isso.

<sup>21</sup> Livro V: ETHANDUNE: O PRIMEIRO ATAQUE (CHESTERTON, 2023, n.p. tradução nossa)

<sup>22</sup> "Eu prejudiquei um homem para matá-lo,/E uma mulher para sua vergonha,/E uma vez eu olhei para uma empregada prometida/Isso foi casado com o Santo Nome./"E uma vez eu tomei a esposa do meu vizinho,/Isso estava ligado a um homem do leste,/Na dureza da minha juventude maligna,/Antes que minhas dores começassem./"Povo, se vocês tiverem alguma oração,/Ore por mim:/E me deite sob uma lapide cristã/Naquela terra perdida eu pensei ser minha,/Esperar até que a trompa sagrada soe,/E todos os pobres sejam livres."/ (CHESTERTON, 2023, n.p. tradução nossa)

O caráter patriótico na personagem mantém-se firme. Alfred quer que seu corpo passe a jazer no mesmo solo em que ele e seus ancestrais viveram até que o fim dos tempos aconteça. E seu caráter social também aparece nesses trechos com seu desejo que todos os povos pobres sejam livres. Ele é tido por muitos como um herói nacional e, nesse texto, ele é um herói nacional. Esse elemento é algo próprio do gênero épico.

Mais para frente da estória, o aspecto guerreiro de Alfred será demonstrado. O narrador no poema narra as batalhas dos homens cristãos de Wessex contra os homens pagãos do norte. O rei-guerreiro parte para guerra:

*Then Alfred, prince of England,  
And all the Christian earls,  
Unhooked their swords and held them up, (CHESTERTON,  
2023, n.p.)*

O narrador diz que Alfred junto com outros nobres cristãos “*Unhooked their swords and held them up*<sup>23</sup>”. Elevar a espada para o alto para que seus inimigos vejam sua mortal arma em punho, elevada e ameaçadora, traz a tona uma imagem de um guerreiro confiante contra seus inimigos.

Na seção “BOOK VII: ETHANDUNE: THE LAST CHARGE”<sup>24</sup>. Alfred discursa para incentivar os cavaleiros ao combate. No que diz respeito à batalha de Ethandune, esse é o combate final. A liberdade de Wessex está em jogo como o próprio rei-guerreiro disse em suas palavras voltadas aos homens cristãos ingleses:

*"Brothers at arms," said Alfred,  
"On this side lies the foe;  
Are slavery and starvation flowers,  
That you should pluck them so?*

*"For whether is it better  
To be prodded with Danish poles,  
Having hewn a chamber in a ditch,  
And hounded like a howling witch,  
Or smoked to death in holes? (CHESTERTON, 2023, n.p.)<sup>25</sup>*

<sup>23</sup> Eles desengancharam as espadas e seguraram elas para o alto. (CHESTERTON, 2023, n.p. tradução nossa)

<sup>24</sup> LIVRO VII: ETHANDUNE: O ÚLTIMO ASSALTO (CHESTERTON, 2023, n.p, tradução nossa)

<sup>25</sup> Irmãos de armas", disse Alfred, "Deste lado está o inimigo;/São flores da escravidão e da fome,/Que você deveria colhê-los assim?/"Pois se é melhor/Para ser cutucado com bastões dinamarqueses,/Tendo escavado uma câmara em uma vala,/E perseguido como uma bruxa uivante,/Ou fumado até a morte em buracos?/ (CHESTERTON, 2023, n.p. tradução nossa)

O rei diz em seu discurso ao exército cristão que perder significará a escravidão: *On this side lies the foe: are slavery and starvation flowers that you should pluck them so?*<sup>26</sup>/ Com essas palavras, Alfred pretende estimular o seu exército que não existiu alternativa além de lutar com tudo de si. Ele utiliza elementos poéticos para descrever um cenário no qual seu povo estaria conquistado pelos povos pagãos. Ele indaga: *For whether is it better to be prodded with danish poles [...]?*<sup>27</sup>. A menção dos bastões é a alusão ao tratamento que um escravo recebe de seus donos. Eles estariam completamente a mercê de seus conquistadores. O discurso continua:

*"To sweat a slave to a race of slaves,  
To drink up infamy?  
No, brothers, by your leave, I think  
Death is a better ale to drink,  
And by all the stars of Christ that sink,  
The Danes shall drink with me. (CHESTERTON, 2023, n.p.)<sup>28</sup>*

Para Alfred, é melhor morrer do que ser conquistado: *No, brothers, [...], I think/ Death is a better ale to drink [...]*<sup>29</sup>. Essas palavras visam construir no imaginário dos cavaleiros que as ouvem que nem a deserção e nem a covardia para preservar a própria vida: a alternativa mais nobre é lutar por sua terra e liberdade. As palavras de Alfred continuam com sua narrativa impactante:

*"Though dead are all the paladins  
Whom glory had in ken,  
Though all your thunder-sworded thanes  
With proud hearts died among the Danes,  
While a man remains, great war remains:  
Now is a war of men. (CHESTERTON, 2023, n.p.)<sup>30</sup>*

<sup>26</sup> Desse lado onde está o inimigo: São as flores da escravidão e da morte que vocês deveriam colher? (CHESTERTON, 2023, n.p, tradução nossa)

<sup>27</sup> "Seria melhor ser cutucado com os bastões dos dinamarqueses?" (CHESTERTON, 2023, n.p, tradução nossa)

<sup>28</sup> Para suar como um escravo para uma raça de escravos,/Para beber a infâmia?/Não, irmãos, com sua licença, eu penso/[que] A morte é uma cerveja melhor para beber,/E por todas as estrelas de Cristo que afundam,/Os dinamarqueses devem beber comigo/ (CHESTERTON, 2023, n.p. tradução nossa)

<sup>29</sup> "Não, irmãos, [...], Eu penso/ [que] A morte é uma cerveja melhor para beber [...]" (CHESTERTON, 2023, n.p, tradução nossa)

<sup>30</sup> "Embora mortos estejam todos os paladinos/A quem a glória tinha em mente,/Embora todos os seus nobres espadachins/Com corações orgulhosos morreram entre os dinamarqueses,/Enquanto restar um homem, uma grande guerra resta:/Agora é uma guerra de homens/ (CHESTERTON, 2023, n.p. tradução nossa)

Fazendo menção às impactantes perdas de homens valorosos nos conflitos anteriores, Alfred estimula que o exército cristão deve guerrear até que o último homem permaneça de pé: *Though dead are all the paladins [...] While a man remains, great war remains [...]*<sup>31</sup> (Chesterton, 2023, n.p.).

Alfred de Wessex mostra-se ser um herói da Inglaterra. Seu discurso patriótico e sua busca pela libertação da Inglaterra demonstram isso, mesmo que a Inglaterra não tinha sido unificada na época. Ele é um herói típico do gênero épico. Bakhtin (1988) atesta:

“O mundo da epopéia é o passado heróico nacional, é o mundo das “origens” e dos “fastígios” da história nacional, o mundo dos pais e ancestrais, o mundo dos “primeiro” e dos “melhores”. Não é o caso de se saber o modo pelo qual o passado se apresenta como conteúdo da epopéia” (BAKHTIN, 1988, p.405)

Pode ser notado no discurso de Alfred esse fervor nacional, bem como a atitude irredutível de não aceitar o jugo de uma nação invasora. O Rei estimula seu exército a não ser render.

Um evento digno de menção que acontece ainda nessa parte da estória, durante a batalha de Ethandune, é a aparição milagrosa de Santa Maria no campo de batalha. Ela aparece no Céu e Alfred recebe essa visão como um bom presságio:

*The King looked up, and what he saw  
Was a great light like death,  
For Our Lady stood on the standards rent,  
As lonely and as innocent  
As when between white walls she went  
And the lilies of Nazareth. [...]*

*Then the last charge went blindly,  
And all too lost for fear:  
The Danes closed round, a roaring ring,  
And twenty clubs rose o'er the King,  
Four Danes hewed at him, halloing,  
And Ogier of the Stone and Sling  
Drove at him with a spear. (CHESTERTON, 2023, n.p.)<sup>32</sup>*

<sup>31</sup> “Apesar de mortos todos os paladinos [...] Enquanto restar um homem, uma grande guerra resta” (CHESTERTON, 2023, n.p, tradução nossa)

<sup>32</sup> O rei ergueu os olhos e o que viu/Era uma grande luz como a morte,/Pois Nossa Senhora estava dentro de seus padrões/Tão solitária e tão inocente/Como quando entre paredes brancas ela foi/E os lírios de Nazaré. [...] /Então o último assalto foi cegamente,/E todos muito perdidos para sentir medo:/Os dinamarqueses se fecharam, um anel rugindo,/E vinte clavos ergueram-se sobre o Rei,/Quatro dinamarqueses o atacaram, saudando,/E Ogier da Pedra e Funda/Dirigiu para ele com uma lança/. (CHESTERTON, 2023, n.p, tradução nossa)

No texto diz que: *The King looked up and what he saw [...] For Our Lady stood on [...]*<sup>33</sup> (CHESTERTON, 2023, n.p.). Alfred contempla a aparição milagrosa. A batalha é influenciada pela aparição: *Then the last charge went blindly/ And all too lost for fear [...]*<sup>34</sup> (CHESTERTON, 2023, n.p.). De certa forma, apesar de não compreenderem muito bem o que estavam acontecendo, os cavaleiros que estavam cavalgando para o último assalto tiveram seu medo dissipados para enfrentar os inimigos do norte. O resultado de tal embate foi a queda do Rei dos Homens-do-Norte, Guthrum:

*In Wessex in the forest,  
In the breaking of the spears,  
We set a sign on Guthrum  
To blaze a thousand years.  
Far out to the winding river  
The blood ran down for days,  
When we put the cross on Guthrum  
In the parting of the ways. (CHESTERTON, 2023, n.p.)<sup>35</sup>*

Após a morte de Guthrum, cristãos marcaram-no com uma cruz: *In Wessex in the forest,/ In the breaking of the spears,/ We set a sign on Guthrum*<sup>36</sup> (CHESTERTON, 2023, n.p.). Apesar dessa conquista, a batalha se estendeu: *The blood ran down for days [...] When we put the cross on Guthrum*<sup>37</sup>. Mas essa pequena vitória da parte dos cristãos de terem derrubado e marcado com a cruz o rei dos invasores pagãos foi um evento relevante para eles, já que mencionaram isso algumas outras vezes nas últimas estrofes dessa sessão do poema. Na última seção do poema, “BOOK VIII. THE SCOURING OF THE HORSE<sup>38</sup>”, o narrador declara:

*In the days of the rest of Alfred,  
When all these things were done,  
And Wessex lay in a patch of peace,*

<sup>33</sup> “O Rei olhou para cima e o que ele viu [...] Pois Nossa Senhora estava [...]” (CHESTERTON, 2023, n.p, tradução nossa)

<sup>34</sup> “Então o ultimo assalto foi cegamente/ E todos estavam muito perdidos para sentir medo/” (CHESTERTON, 2023, n.p, tradução nossa)

<sup>35</sup> Em Wessex na floresta,/No partir das lanças,/Nós marcamos Guthrum com um sinal/Para brilhar por mil anos./Longe para o rio sinuoso/O sangue escorreu por dias,/Quando colocamos a cruz em Guthrum/Na separação dos caminhos./ (CHESTERTON,2023, n.p. tradução nossa)

<sup>36</sup> “Em Wessex na floresta/ No partir das lanças/ Nós o marcamos Guthrum com um sinal” (CHESTERTON, 2023, n.p, tradução nossa)

<sup>37</sup> “O sangue escorreu por dias/ [...] Quando colocamos a cruz sobre Guthrum ”(CHESTERTON, 2023, n.p, tradução nossa)

<sup>38</sup> “LIVRO VIII. A ESCOVA DO CAVALO” (CHESTERTON, 2023, n.p,tradução nossa)

*Like a dog in a patch of sun—* (CHESTERTON, 2023, n.p.)<sup>39</sup>

A guerra em Wessex acabou. Tanto Alfred como seu reino aproveitam do momento em paz após a derrota dos povos do norte: *And Wessex lay in a patch of peace/ Like a dog in a patch of sun*<sup>40</sup> [...] (Chesterton, 2023, n.p.). Alfred consegue libertar o seu povo de seus invasores, mas chegam as notícias que os povos nórdicos continuam assolando a Inglaterra (ainda não consolidada), dessa vez em Londres:

*That away on the widening river,  
In the eastern plains for crown  
Stood up in the pale purple sky  
One turret of smoke like ivory;  
And the smoke changed and the wind went by,  
And the King took London Town.* (CHESTERTON, 2023, n.p.)<sup>41</sup>

Alfred parte com seu exército para Londres. Ele conquista a cidade: *And the King took London Town*<sup>42</sup> (CHESTERTON, 2023, n.p.). A última linha da última estrofe que finaliza poema épico de Chesterton consolida Alfred como esse grande Rei, guerreiro e santo anglo-saxão que libertou a Inglaterra dos povos pagãos.

---

<sup>39</sup> Nos dias de descanso de Alfredo,/Quando todas essas coisas foram feitas,/E Wessex estava em um pedaço de paz,/Como um cachorro em uma réstia de sol—/ (CHESTERTON, 2023, n.p. tradução nossa)

<sup>40</sup> “E Wessex deita-se sobre um pedaço de paz/ Como um cão em uma réstia de sol” (CHESTERTON, 2023, n.p, tradução nossa)

<sup>41</sup> Lá longe, no rio que se alarga,/Nas planícies orientais para a coroa/levantou-se no céu roxo pálido/Uma torre de fumaça como marfim;/E a fumaça mudou e o vento passou,/E o rei tomou a cidade de Londres./ (CHESTERTON, 2023, n.p. tradução nossa)

<sup>42</sup> “E o Rei tomou a cidade de Londres” (CHESTERTON, 2023, n.p, tradução nossa)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi desenvolvido com a finalidade de analisar e descrever os arquétipos heróicos da personagem do Rei Alfred de Wessex no poema épico “*The Ballad of The White Horse*” de G.K. Chesterton visando principalmente nas características da personagem enquanto santo, guerreiro e rei a partir das estrofes da narrativa.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram utilizados diversos autores que contribuíram para que o processo de análise do poema fosse feito de forma esclarecedora. Dentre os autores utilizados, pode ser destacado o próprio Gilbert Keith Chesterton. Ele em seu livro “*Ortodoxia*” explica sua própria visão a respeito de histórias que são intrínsecas a um determinado povo. Jung e Campbell constituíram o aporte teórico mais recorrente durante o processo de análise propriamente dita.

Sabendo que essas características de santo, guerreiro e rei aparecem também em outras personalidades históricas como o imperador Carlos Magno e São Luís Rei da França, bem como em personagens literárias como o Rei Arthur, o presente trabalho visa contribuir para o debate envolvendo essa temática, considerando a ampla gama de personagens que se encaixariam nessas mesmas características delimitadas nessa pesquisa.

Durante o desenvolvimento da análise da obra, foi observada a trajetória da personagem. Seu declino, ascensão, seu fervor patriótico e sua fé. Essas são as marcas da personagem na narrativa e o caracterizam enquanto herói épico.

Alfred em sua jornada tem experiências com o sobrenatural. Recebe o auxílio e a visão de Nossa Senhora, a partir do encontro com a santa, ele parte para reunir outros nobres afim de que formando um exercito cristão embora pequeno pudessem completar a causa da libertação da Inglaterra dos exércitos pagãos.



Contudo, essa épica jornada própria da nobreza inglesa não impediu Alfred de voluntariamente experimentar por um dia a vida de pobre camponês. Ele travestido de menestrel aprende a ver pela perspectiva dos pobres como é a vida e essa nova visão traz consigo mudanças em sua cosmovisão inclusive enquanto cristão.

Sendo um personagem tão complexo com diversos aspectos psicológicos e ideológicos que poderiam ser trabalhados. Torna-se improvável que apenas um trabalho possa esgotar toda a discussão a respeito de sua real personalidade e profundidade psicológica.

Portando, o presente trabalho deteve-se mais em seu lado enquanto herói épico de cavalaria. Em seu lado patriótico, religioso e monárquico. Porém seu lado social no que diz respeito ao seu apego para como os menos favorecidos foi algo que durante o desenvolvimento da análise não pode ser mais aprofundado, mas que há a pretensão de ser trabalhado em outra pesquisa

Tendo em vista que os objetivos principais da presente pesquisa consistem em identificar nas estrofes da narrativa as características heróicas e virtudes da personagem do Rei Alfred de Wessex, demonstrando-o como um herói cristão, podemos constatar que tais objetivos foram alcançados. Porém é importante ressaltar que a presente pesquisa não tem por objetivo esgotar a discussão a respeito do tema na obra. Logo, seria de total proveito que fossem realizadas mais pesquisas desta obra e sobre este personagem.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, Thiago. **Como Eram as INVASÕES VIKINGS**. 17 set. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ms-beXccP10>>. Acesso em 15 mar. 2023.

BRAGA, Thiago. **DESTRUINDO os Maiores MITOS dos Vikings**. 06 agos 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MyhdfRkmezc>>. Acesso: 15 de mar. 2023.

BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance. IN: BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora Bernardini. São Paulo: UNESP/Hucitec, 1988.

CHESTERTON, G.K. **Ortodoxia** /; traduzido por Francisco Nunes. – Jandira, SP : Principis, 2019.

CHESTERTON, G.K. **The Ballad Of The White Horse**. Gutenberg.org, 2023. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/files/1719/1719-h/1719-h.htm>> Acesso em: 15/03/2023.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**; [tradução Adail Ubirajara Sobral]. – São Paulo, SP, Cultrix/Pensamento, 1949.

JUNG, C.G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**/; [tradução Maria Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. – Perrópolis, RJ : Vozes, 2000.

LEIROZ, Catarina. **O tupi e o viking contra a Onça Celeste**. Nova Resistência. 2022. Disponível em: <<https://novaresistencia.org/2022/07/19/o-tupi-e-o-viking-contra-a-onca-celeste/>>. Acesso em: 14 mar. 2023.

---

i